

## RESENHA<sup>1</sup>

AQUINO, Júlio Groppa. **Confrontos na sala de aula**: Uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus, 1996.

Luciana Cristina Porfírio<sup>2</sup>

O livro é um resumo das idéias ligadas às práticas escolares associadas a algumas discussões acerca daquilo se convencionou denominar de “crise da educação”, sem, contudo dimensionar quais são as suas causas ou extensão.

De acordo com Aquino (1996) no Brasil, o inegável acesso à escolarização não contribuiu para eliminar o que aqui se convencionou denominar de fracasso escolar. Isto está posto porque muitos daqueles que ingressaram ou ingressam na escola não conseguem concluir satisfatoriamente seus estudos. Para o autor, o quadro é ainda mais desolador quando se analisa a situação daqueles que permanecerão na escola, o que ele chama de o fracasso dos incluídos.

Aquino (1996) analisa dados que são expostos em sua obra e que apontam para a análise de que o Brasil é um país que tenta equiparar-se econômica e politicamente aos países europeus, mas no âmbito educacional tem se alocado abaixo de países castigados como a África, gerando um mal-estar e coloca em xeque a imagem social desta instituição e dos agentes que nela trabalham, sobretudo, os professores.

Para o autor, um dos maiores problemas enfrentados no interior da sala de aula tem relação imediata com essa descrença na eficácia da intervenção escolar e da atuação do educador, o que afeta também questões sociais mais amplas, uma vez que é por meio da escola que se busca formar cidadãos, algo difícil de efetivar porque quanto menor for à escolaridade das pessoas, menores também serão suas chances de acesso às oportunidades que o mundo atual oferece e às exigências que ele impõe.

Contudo, ele acredita que essa é apenas uma faceta da questão, porque nos estudos do antigo fantasma do fracasso sempre aparece a figura do **aluno-problema**, caracterizado como aquele que padece de distúrbios que podem

---

<sup>1</sup> A Resenha é descritiva, caracteriza-se por ser fidedigna a linguagem empregada na obra.

<sup>2</sup> Pedagoga, mestre em educação escolar. Doutoranda em Educação na área de Didática da FE-USP. Atua como professora no ensino fundamental e Superior. E-mail: [luciana.porfirio@bol.com.br](mailto:luciana.porfirio@bol.com.br)

ser tanto de natureza cognitiva (distúrbios de aprendizagem) quanto de natureza comportamental (indisciplina) ou, em casos mais extremos, de ambas.

Assim, a indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos se tornam os maiores males da escola contemporânea, sendo estes dois fatores, os responsáveis pelo fracasso escolar os principais obstáculos para o trabalho docente.

Para entender isso, Aquino (1996) busca os fundamentos que sustentam as **três razões** que parecem explicar o fenômeno. A **primeira**, de **cunho histórico** diz que o aluno é menos respeitador e a escola menos exigente e dura, cuja hipótese passa pela relação pedagógica a ser adotada com base no respeito, distinguindo-o em dois tipos: o de temor e o de admiração. A **segunda**, de **cunho psicológico**, é caracterizada por um conjunto de “*não*”: as crianças de hoje *não* tem limites, *não* reconhecem a autoridade, *não* respeitam as regras e a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muito permissivos.

Aquino se detém um pouco mais sobre esta segunda hipótese porque ela é explicativa **do Déficit Moral**, em que ele destaca a importância da distinção entre a *ausência absoluta de limites*, do *desrespeito às regras* e a suposta *permissividade dos pais*. A maioria das queixas vindas dos professores consiste em dizer que os pais não ajudam o professor, fazendo vistas grossas aquilo que o filho faz. No entanto, isto é uma ilusão, porque é muito comum, imaginar que a criança mal-educada em casa converte-se automaticamente em aluno indisciplinado na escola e nem sempre isso é verdadeiro.

Afirma que é preciso resgatar alguns consensos sobre os papéis ocupados pela díade *Família* e *escola*, definindo de modo preciso o lugar de cada um, uma vez que não são a mesma coisa, nem uma continuidade natural da outra, pois se fosse, o aluno indisciplinado na escola converter-se-ia em filho mal-educado em casa.

As hipóteses, em seu conjunto partem de um equívoco porque acreditam que a disciplina moral caracterizada pela introjeção de regras de comportamento é um pré-requisito para o trabalho na sala de aula. O trabalho familiar diz respeito à moralização da criança (função dos pais ou seus substitutos), já a tarefa do professor é proporcionar condições de acesso e produção ao conhecimento sistematizado.

No caso da família, o que está em foco é a ordenação da conduta da criança, por meio da moralização de suas atitudes, seus hábitos. No caso da escola, o que se visa é a ordenação do pensamento do aluno, por meio da reapropriação do legado cultural, representado pelos diferentes campos de conhecimento em pauta.

Contudo, é notório que o professor acaba assumindo determinadas posturas ou modos de enfrentamento do trabalho pedagógicos que são desaconselháveis, haja vista toda relação institucional ou pedagógica, exigir uma espécie de contrato implícito que precisa ser conhecido e respeitado para que a ação possa se concretizar a contento.

Por fim, há ainda uma **terceira** hipótese, a de **cunho metodológico**, que afirma que para os alunos a sala de aula não é tão atrativa quanto os outros meios de comunicação, em particular a televisão. Por isso, a falta de interesse e a apatia em relação à escola. A saída então, seria a sua modernização com o uso de recursos didáticos mais atraentes e assuntos mais atuais.

Do mesmo modo que é preciso redefinir os papéis de família e escola, o mesmo deve acontecer em relação à escola e mídia, sendo que, em relação a segunda, sua função é a difusão da informação e o entretenimento. A escola, ao contrário, visa a reapropriação do conhecimento acumulado em certos campos do saber – aquilo que constitui as diversas disciplinas de um currículo, é lugar de trabalho árduo e complexo, mas nem por isso menos prazeroso.

Na sala de aula, se o professor não tiver noção de como se dão essas abordagens epistemológicas do conhecimento, sistematizando-os e confrontando-os com a própria experiência de vida dos alunos não é possível decodificar as informações difundidas nos meios de comunicação. É fundamental, portanto, que se tenha claro em sala de aula, que o ponto de partida é a informação, mas o ponto de chegada é o conhecimento.

Na mesma linha de raciocínio ele aponta que a eficácia escolar tem sido afetada também pelo discurso que orienta **trabalhar com os dados de realidade dos alunos**, porque o que se vê é a limitação a esta realidade quando deveria ultrapassar esse escopo.

O professor é assim, mediador dessa transitoriedade da condição humana e a indisciplina é um dos efeitos do trabalho cotidiano na sala de aula.

O autor **propõe uma outra hipótese**, de **cunho escolar** que passa pela admissão de que a intervenção docente não está se processando a contento e é preciso buscar alternativas para solucioná-la. Uma delas é pensar eticamente a escola e seu sentido, a outra, é rever posicionamentos endurecidos, questionar crenças arraigadas, debater-se contra fatalidades, o que significa uma oportunidade de vivenciar e fato uma profissão, de certo modo, extraordinária.

É, pois para o entendimento destas e de muitas outras questões essenciais para o trabalho docente que se recomenda à leitura da referida obra.